

A CAFEICULTURA NA MICRORREGIÃO DE VARGINHA – MG: uma análise do período de 2008 a 2018

CAFEICULTURE IN THE MICRO-REGION OF VARGINHA - MG: an analysis of the period from 2008 to 2018

Guilherme Augusto Dionisio Vivaldi¹, Pedro dos Santos Portugal Júnior², Alessandro Ferreira Alves³

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional, Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS-MG, Varginha, Minas Gerais, Brasil, guilherme@maisesempresas.net.br

² Doutor, Professor do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional, Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS-MG, Varginha, Minas Gerais, Brasil, pedro.junior@professor.unis.edu.br

³ Doutor, Professor do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Desenvolvimento Regional, Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS-MG, Varginha, Minas Gerais, Brasil, alessandro.alves@professor.unis.edu.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo verificar o comportamento das variáveis relativas à cultura do café nas 16 cidades pertencentes à microrregião de Varginha – MG, entre 2008 e 2018 e sua ligação com o desenvolvimento econômico local. Tal abordagem se justifica pela importância econômica desta cultura para o país e por Minas Gerais ser a maior região produtora de café do Brasil, além da microrregião estudada possuir as cidades que estão entre as maiores produtoras brasileiras. Para atingir tais propósitos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, descrevendo as características da região estudada e sua relação com o café, bem como uma pesquisa quantitativa através de dados secundários extraídos de fontes oficiais governamentais e de institutos voltados ao café, tendo como indicadores pesquisados a área em produção, produção, produtividade, emprego do trabalhador do café, salários e exportações, em um recorte temporal de 10 anos. Para interpretações e conclusões, foram realizadas análises descritivas e cruzamentos entre as variáveis. O resultado da pesquisa mostra que, apesar da queda da área em produção e do baixo crescimento do trabalho nesta cultura, a produtividade aumentou significativamente, além de demonstrar queda nas exportações contrariando a teoria de base de exportação de Douglas North, sem efeitos sobre o desenvolvimento regional.

Palavras-chave: Café. Sul de Minas. Produtividade.

Abstract

This work aims to verify the behavior of the variables related to coffee culture in the 16 cities belonging to the Varginha - MG microregion between 2008 and 2018, and their connection with the local economic development. Such an approach is justified by the economic importance of this culture for the country and because Minas Gerais is the largest coffee producing region in Brazil. In addition to the studied micro-region, it has the cities that are among the largest Brazilian producers. To achieve these purposes, a bibliographic research on the topic was carried out, describing the characteristics of the studied region and its relationship with coffee, as well as a quantitative research using secondary data extracted from official government sources and coffee institutes, with the aim of indicators surveyed in the area of production, production, productivity, employment of the coffee worker, wages and exports, over a 10-year period. For interpretations and conclusions, descriptive analyzes and crosses between variables were performed. The result of the research shows that, despite the drop in production area and the low growth of labor in this culture, productivity increased significantly, in addition to showing a drop in exports, contrary to Douglas North's basic export theory, with no effects on development regional.

Keywords: Coffee. South of Minas. Productivity.

©UNIS-MG. All rights reserved.

1 INTRODUÇÃO

O café é um elemento dinâmico na economia brasileira desde o século XVIII, sendo um dos principais produtos de nossa base de exportação. A região sul mineira foi, desde o início, uma das principais regiões produtoras e, ainda hoje, cidades ali localizadas são responsáveis por grande parte da produção mineira e brasileira.

Cano (2002), em sua obra, apresenta como o café trilhou um caminho desde sua chegada no Brasil, como produto viável para substituir a queda nas exportações de algodão e cana-de-açúcar, devido a condições favoráveis no início do século XIX. Havia capital oriundo da burguesia que chegava da Europa, terras aptas ao cultivo, mão de obra, escrava naquele momento, e uma demanda externa pelo produto. Apesar de seu início pela região fluminense, Minas Gerais aos poucos galgou posições em produção e exportações do produto, em uma disputa com São Paulo, Espírito Santo e o Sul do país. Os entraves comerciais e estruturais da região foram sendo superados no decorrer dos anos e o estado tornou-se o principal produtor do país.

Da sua chegada a região até os dias atuais, muitos aspectos mudaram, principalmente relativo ao uso da tecnologia no campo, em busca de maior produtividade, competitividade e qualidade do produto. Segundo o IBGE (2017), existem em Minas Gerais 1.825.141 pessoas ocupadas em atividades agropecuárias. Somente na cultura do café, em 2017, 2,8 bilhões de pés de café foram colhidos em 127 mil estabelecimentos agropecuários.

Dada essa importância do café o cenário brasileiro e o protagonismo de cidades localizadas na região sul mineira, o objetivo deste estudo é analisar como ocorreu o comportamento do setor de café da microrregião de Varginha no período de 2008 a 2018. Além desse intuito, busca-se entender os municípios que se destacam nesta região para o plantio do café.

O artigo encontra-se dividido em cinco partes incluindo essa introdução. No segundo capítulo aborda-se o referencial teórico com uma contextualização histórica do café em Minas Gerais e na região sul mineira que abrange as cidades pesquisadas neste estudo. O capítulo três explica os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho. No capítulo quatro apresentam os dados e procede-se a análise e discussão dos resultados. Por fim, o último capítulo traz as considerações finais do estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar a discussão a seguir, buscaram-se estudos recentes sobre a cafeicultura e as teorias econômicas que tratam o desenvolvimento econômico e regional. Assim os estudos do IBGE (2017), Azevedo (2018), Fundação João Pinheiro (2018), Fundação Procafé (2017) e IBGE (2016) foram fundamentais no entendimento do arcabouço teórico. Somam-se a isso os conceitos econômicos tratados por Douglas North (1995), Wilson Cano (2002) e Celso Furtado (2003).

Para entender a dinâmica da cafeicultura na região, foram realizados estudos sobre o assunto em artigos e periódicos, além do banco de dados de instituições como Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER), Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) e Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Cabe inicialmente abordar uma contextualização histórica do café em Minas Gerais como base para a discussão do trabalho.

2.1 O café em Minas Gerais

A expansão da cultura do café para o Sudeste brasileiro ocorreu devido à disponibilidade de terras férteis e de mão de obra, remanescente das lavouras algodoeira e açucareira, logo engrossada pela imigração de colonos europeus e mais tarde de japoneses (IBGE, 2016). Quanto à mão de obra que deu início ao plantio do café, Cano (2002) ressalta que Minas Gerais beneficiou-se da política escravagista existente na década de 1880, ainda mais que o estado do Rio de Janeiro, precursor do plantio de café no país. Após a abolição, diferentemente dos demais estados produtores, Minas Gerais inovou em dividir os grandes latifúndios em pequenas propriedades e explorar o sistema de parceria entre proprietários e a mão de obra recém-libertada.

Segundo a Fundação João Pinheiro (2018, p.9), a história do café em Minas Gerais é extensa e traz uma conexão com a política, “...no início do século XIX, a conexão entre café e política foi marcante, dando inclusive nome à política firmada entre as oligarquias estaduais e o governo federal durante a primeira república (política do café-com-leite)”. Essa política baseava-se na alternância do cargo de Presidente da República entre o estado de São Paulo e o estado de Minas Gerais, eram os dois estados mais poderosos da época que tinham como base econômica a produção do leite e do café.

A produção do café expandiu-se no Brasil para além das regiões fluminenses entre 1791 e 1798, penetrou em Minas Gerais, primeiramente na região da Zona da Mata, região esta responsável por maior parte do cultivo até 1880 (AZEVEDO, 2018). Especificamente, Minas Gerais passa efetivamente a ter destaque na produção cafeeira nacional a partir da década de 1970.

Devido ao clima favorável à produção do café, Minas Gerais tornou-se o maior estado produtor do Brasil (IBGE, 2007). As principais regiões produtoras de Minas Gerais são Sul de Minas, Zona da Mata e Cerrado (Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba). O Cerrado Mineiro vem apresentando o maior crescimento da área plantada, região que incorpora conceitos técnicos modernos de adensamento e mecanização da colheita (SANTOS et al., p. 5).

A inserção do café na região do cerrado mineiro é resultado do PRRC - Plano de Renovação e Revigoramento dos Cafezais, sendo essa região eleita como área viável para a implantação dos cultivos a partir de um novo zoneamento ecológico proposto, bem como da oferta de crédito pelo Estado. A aquisição de terras baratas, somada a incentivos governamentais, fizeram a região do cerrado desenvolver-se nesse cultivo, que exigia novas pesquisas e avanço tecnológico (PEREIRA, 2014).

Ano a ano o estado mostrou crescimento, Minas Gerais saltando de 25,59% na participação da produção nacional em 1979 para 42,43% em 1990, um crescimento de 16,84 p.p., enquanto São Paulo e Paraná perdem em torno de 12 p. p., cada. Observa-se também o crescimento da produção no estado do Espírito Santo, porém abaixo dos níveis mineiros (ANDRADE, 1994).

Vale lembrar ainda que o estado alcançou o patamar de maior produtor nacional, devido a outros fatores que foram além dos incentivos financeiros concedidos pelos programas governamentais. Tiveram impacto fundamental as reduções nas lavouras cafeeiras em São Paulo e Paraná devido aos problemas climáticos (AZEVEDO, 2018).

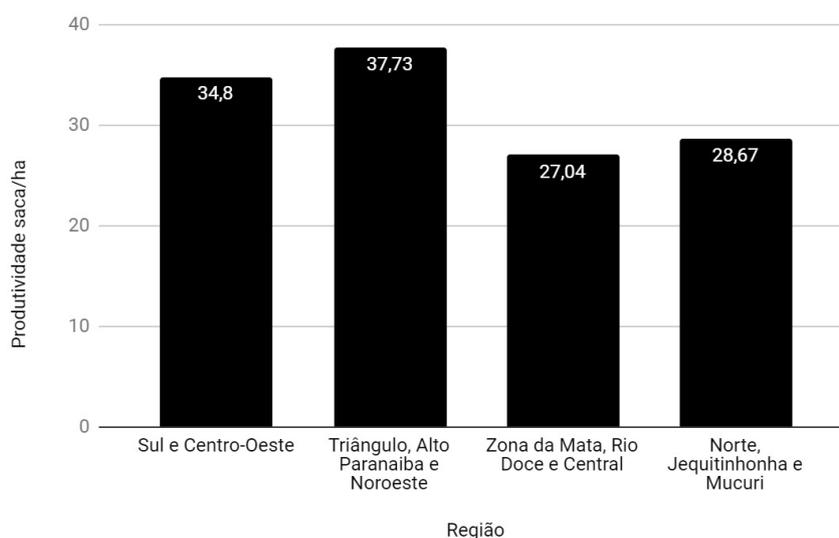
Outro passo importante, segundo Azevedo (2018), aconteceu em 27 de abril de 1995 quando foi instituído o Certificado de Origem para produção do café mineiro, com base em regiões pré-definidas, tendo sido alteradas no ano de 2000 para: Região do Sul de Minas, Cerrados de Minas, Montanhas de Minas e Chapadas de Minas.

Cada uma dessas regiões apresenta características referentes a altitude, clima, topografia, umidade, situação hídrica, entre outras que determinam a qualidade do café ali produzido. Devido

a essas diferenças, as formas de evolução da cultura em cada uma das regiões seguiram por caminhos diferentes. Para o Sul de Minas de forma mais natural, devido ao ambiente favorável, já no cerrado foi necessário o uso mais intenso de tecnologia para propiciar maior produtividade (AZEVEDO, 2018).

É evidente a liderança do Sul de Minas Gerais na produção do café, com mais de 50% da produção do estado. As regiões como Zona da Mata e Triângulo Mineiro têm produções semelhantes (22,2% e 21,6% respectivamente), enquanto a região do Norte, Jequitinhonha e Mucuri trazem pouca representatividade (1,9%) (CONAB, 2018).

Quanto à produtividade, a região do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e Noroeste saem na frente, enquanto a Zona da Mata apresenta o pior resultado nesse quesito, conforme aponta o Gráfico 01.



Fonte: elaborado pelos autores com base nos dados da CONAB (2020)

Gráfico 01 – Produtividade por região.

Segundo a Fundação João Pinheiro (2018), o estado é responsável atualmente por mais de 50% da produção e detém praticamente toda a produção de café arábica no país. Segundo EMATER (2019), Minas Gerais tem uma área cultivada de 1,2 milhão de hectares, e as regiões Sul e Centro-Oeste juntas possuem a maior área produtiva, 649,9 mil hectares plantados em 154 municípios. Quanto às exportações, Minas Gerais detém 75% em termos de valor e quantidade, à frente de São Paulo e do Espírito Santo.

Embora Minas Gerais seja o principal produtor e possua 326 indústrias no segmento (ABIC, 2020), o processamento do café é feito majoritariamente em São Paulo. O estudo da Fundação João Pinheiro (2018) mostra, através da técnica de análise insumo-produto, que a produção de café não afeta a economia para frente ou para trás, enquanto o café beneficiado gera encadeamentos para trás acima da média. Isso significa que a industrialização do café tem capacidade de dispersão sobre os demais setores da economia. A produção de café beneficiado no estado mostrou pequena participação na indústria, sendo destinada em sua maior parte para o consumo das famílias.

De uma forma geral, conforme aponta Andrade (1994), a cafeicultura mineira mostra a predominância da região do Sul de Minas, contendo em sua maioria pequenos produtores e produtividade média superior ao país como um todo.

2.2 O café e sua relação com o desenvolvimento econômico e regional

O Brasil passou por ciclos econômicos históricos, como o do pau-brasil, do algodão, da borracha e da cana-de-açúcar. O café tornou-se alternativa para o crescimento econômico nacional diante das crises da cana-de-açúcar e algodão, que encontraram grande concorrência de outros países no século XVIII (FURTADO, 2003).

Neste crescimento da cafeicultura no decorrer dos anos, houve papel preponderante das instituições, tanto no âmbito econômico e técnico, já que, seguindo concepção da Teoria Institucional de Douglas North, diante de um cenário de incerteza, são elas que são responsáveis pela coordenação dos esforços humanos e produtivos (GALA, 2003). O próprio governo atuou no controle de preços para auxílio dos cafeicultores e para o aumento da entrada de divisas do país. Na questão técnica, o Instituto Brasileiro do Café (IBC) teve grande importância para a cafeicultura nacional, atuando de 1952 a 1990. O IBC foi responsável pela formulação das políticas externas e internas e pela regulação das exportações, dos estoques e das torrefações, enfim sua atuação trouxe uma mudança no panorama do mercado cafeeiro no Brasil. Com sua extinção em 1990, o mercado cafeeiro viu-se livre da intervenção governamental (SANTOS et al., 2009).

Dessa forma, considerando a ideia de promover o desenvolvimento econômico via as exportações, mesmo sem intervenção estatal, se consideramos café como uma *commodity* em uma relação íntima com o mercado externo, trazemos à tona a teoria apresentada por Douglas North. No conceito de base de exportação, para o crescimento de uma cidade ou região é necessário um processo de diversificação e diferenciação gradual de sua economia, estimulado por um trabalho exportador (inicialmente de recursos naturais) e uma produção voltada para o mercado interno.

Para North (1955), a base de exportação representa os produtos exportáveis de uma região. O desenvolvimento de um artigo de exportação reflete uma vantagem comparativa nos custos relativos da produção, dentre eles os de transporte. À medida que a região cresce em torno dessa base, geram-se economias externas que estimulam a competitividade, sem a necessidade de apresentar inicialmente vantagens de localização. No entanto, essa base de exportação deve ser dinâmica e evolutiva e não estática. A investigação deste artigo busca o entendimento do desenvolvimento regional a partir dessa ótica.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo enquadra-se em uma pesquisa aplicada e descritiva, realizado através de um levantamento bibliográfico sobre o tema, e de uma pesquisa quantitativa tendo por base dados secundários econômicos e produtivos do período de 2008 a 2018. Esses dados foram coletados em órgãos oficiais e posteriormente analisados estatisticamente através de estatística descritiva e cruzamento de variáveis, com dados obtidos pela EMATER, MDIC e pelo CAGED. O Quadro 01 apresenta os dados coletados e suas fontes. O recorte temporal foi escolhido diante da disponibilidade dos dados nos órgãos em questão.

A pesquisa aplicada objetiva “gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (SILVA; MENEZES, 2005, p.20).

Para Larocca, Rosso e Souza (2005) as pesquisas descritivas objetivam a descrição das características de determinada população ou fenômeno, enquanto as pesquisas explicativas têm

propósito de identificar os fatores que determinam ou contribuem para ocorrência de um fenômeno.

Quadro 01 – Órgãos e Indicadores.

Órgão/Entidade	Indicador
Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC)	Exportação
Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER)	Produção, Produtividade, Área em Produção
Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)	Admissões, Desligamentos e Total de Empregos

Fonte: os autores.

A população pesquisada foi a microrregião de Varginha - MG, representada por 16 (dezesseis) cidades, sendo elas: Varginha, Três Corações, Três Pontas, Boa Esperança, Campos Gerais, Elói Mendes, Campanha, Guapé, Carmo da Cachoeira, Ilicínea, Campo do Meio, Coqueiral, Monsenhor Paulo, Santana da Vargem, São Tomé das Letras e São Bento Abade.

O método de amostragem foi a não-probabilística por conveniência, sendo a amostra formada pela região que possui intensa atividade cafeeira existente, tanto em produção quanto em comercialização.

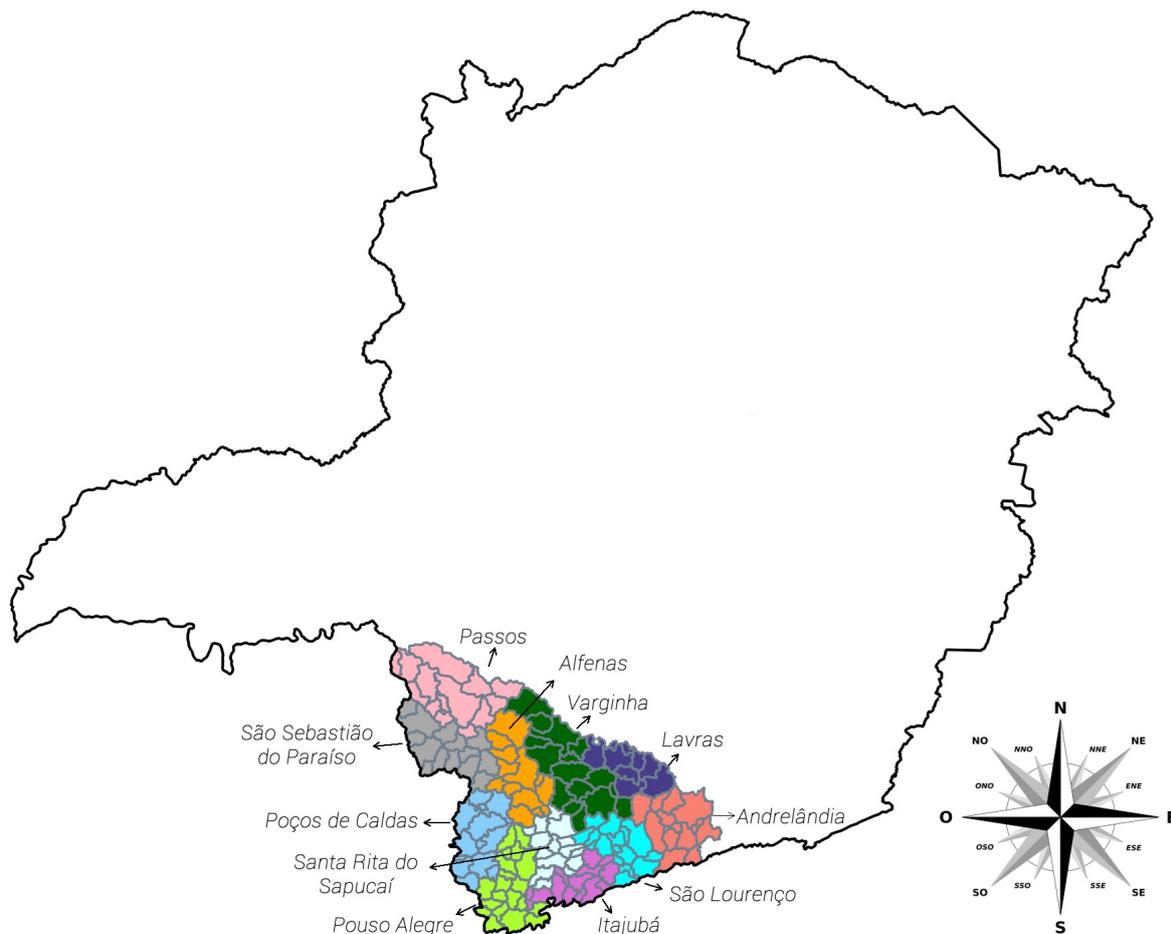
3.1 Área de Estudo

O Sul de Minas Gerais possui 155 cidades e 2.763.786 habitantes, segundo base de dados do IMRS - Instituto Mineiro de Responsabilidade Social (2018). São 11 (onze) microrregiões de planejamento, sendo elas: Alfenas, Andrelândia, Itajubá, Lavras, Passos, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Santa Rita do Sapucaí, São Lourenço, São Sebastião do Paraíso e Varginha, alvo deste estudo, que sozinha apresenta uma população de 470.653 habitantes em 2018 (IMRS, 2020). A disposição das microrregiões pode ser visualizada no Mapa 01.

A balança comercial sul mineira é superavitária, tendo como principal produto de exportação o café, destacando-se as cidades de Guaxupé, São Sebastião do Paraíso e Varginha nos valores de exportação (MDIC, 2020).

Segundo Martins (2014) no final do século XIX teria se iniciado um processo rápido de transformação do Sul de Minas tendo como responsável a cafeicultura: “O café teria lançado o Sul de Minas no rumo do ‘progresso’, da ferrovia, da imigração, da modernização urbana e da homogeneidade interna” (MARTINS, 2014, p. 2).

Ainda, segundo Martins (2014), o café já estava introduzido no território da Vila de Campanha, atual município de Campanha, microrregião de Varginha, desde o início da década de 1820, embora ainda não produzisse o suficiente para atender a demanda para comercialização. Já na década de 1870, apenas na Freguesia de Machado, atual município de Machado, microrregião de Alfenas, existiam 220 mil cafeeiros plantados por proprietários locais, com vendas para Rio de Janeiro e São Paulo. A cafeicultura também estava presente na Freguesia de Carmo do Campo Grande, hoje Campos Gerais, onde alcançara a cifra de 120 mil cafeeiros; na Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Córrego do Ouro, hoje Córrego do Ouro, com 30 mil cafeeiros em 1883, e na Freguesia de Santana da Várzea, hoje Santana da Vargem, os cafeeiros eram poucos: 20 mil pés.



Fonte: elaborado pelo autor baseado no IMRS (2020) através do software Philcarto.

Mapa 01 – Sul de Minas Gerais e suas microrregiões.

A cidade de Três Pontas, hoje uma das maiores produtoras do Brasil, apresentou inicialmente maior resistência na cultura cafeeira entre os fazendeiros locais, se comparada às demais cidades citadas. A lavoura expandiu-se com lentidão, o que segundo Martins (2014) levou também a uma dificuldade na expansão populacional dessa cidade. Os maiores investimentos iniciaram em 1910 e tornando-se a principal cultura a partir de 1920. Ao contrário de Três Pontas, a cidade de Guaxupé, que iniciou seu cultivo em torno de 1875, tomou grandes e rápidas proporções, elevando sua produção e tornando-se referência econômica para região.

Ainda no contexto histórico, a criação das cooperativas COOXUPÉ na cidade de Guaxupé em 1932, MINASUL na cidade de Varginha em 1958, COOPERVASS na cidade de São Gonçalo do Sapucaí em 1960, COCATREL na cidade de Três Pontas em 1961 e COOPAMA na cidade de Machado em 1966, tiveram grande importância para o desenvolvimento da cultura cafeeira local. Isso porque as cooperativas de café são as mais integradas com a indústria, buscando padronização da produção, permitindo atuação tanto no mercado interno, quanto no externo, o que seria difícil principalmente para os pequenos produtores, além de oferecer acesso a insumos e assistência técnica.

Segundo a Portaria 397 de 2000 do Instituto Mineiro de Agropecuária, a região Sul Mineira:

Caracteriza-se por áreas elevadas, com altitude de 700 a 1.080m, com temperatura amena, sujeitas a geada, com moderada deficiência hídrica e possibilidade de produção de bebida

fina, sendo que, quando próximas de represas, apresentando elevada umidade relativa (MINAS GERAIS, 2000, p. 1).

Assim, a região possui algumas das características elencadas por Muñoz (2014) para o bom desenvolvimento da cultura do café de alta produtividade: está localizada na zona tropical, com temperaturas adequadas para o crescimento e floração da planta; chuvas moderadas o ano inteiro; tem solos porosos, férteis e adequados para agricultura; tem terra disponível; uma força de trabalho grande e de baixo custo; existem incentivos econômicos para estabelecer plantações, com grandes cooperativas, instituições de crédito voltadas ao meio rural, além da sede da Fundação Procafé, instituto de pesquisa voltado à tecnologia para o café. Também consegue uma boa integração das áreas de cultivo com portos de exportação através do Porto Seco estabelecido na Cidade de Varginha, com fácil acesso a rodovias.

As cidades dessa região apresentaram 131.753 hectares de área em produção de café em 2018, segundo dados da EMATER (2019), tendo a cidade de Três Pontas (20.349 ha) a maior área, seguido por Campos Gerais (17.901 ha) e Boa Esperança (16.350 ha). Porém, quando analisada a área em formação, Campos Gerais está à frente, foram 7.906 ha em 2018, enquanto Três Pontas apresentou 5.081 ha e Boa Esperança 3.091 ha.

De acordo com o Diagnóstico Tecnológico Cafeicultura do Sul de Minas realizado pela Fundação Procafé juntamente com o SEBRAE (2017), essa região possui 58,2% da produção cafeeira com menos de 10 hectares e com 64,2% da produção familiar. A idade média do produtor é de 48 anos, em sua maioria com moradia no campo (62,6%). O nível de escolaridade do produtor é concentrado entre o primário (38,6%) e ensino médio (35,4%), enquanto 18,4% possui ensino superior, 6,3% pós-graduação e apenas 1,3% é considerado analfabeto.

Quanto à mão de obra utilizada para a cultura nessa região, 40,3% é familiar, contra 50,6% de trabalhadores temporários e 9,1% de trabalhadores fixos, mostrando o efeito sazonal desse tipo de produção (FUNDAÇÃO PROCAFÉ / SEBRAE-MG, 2017).

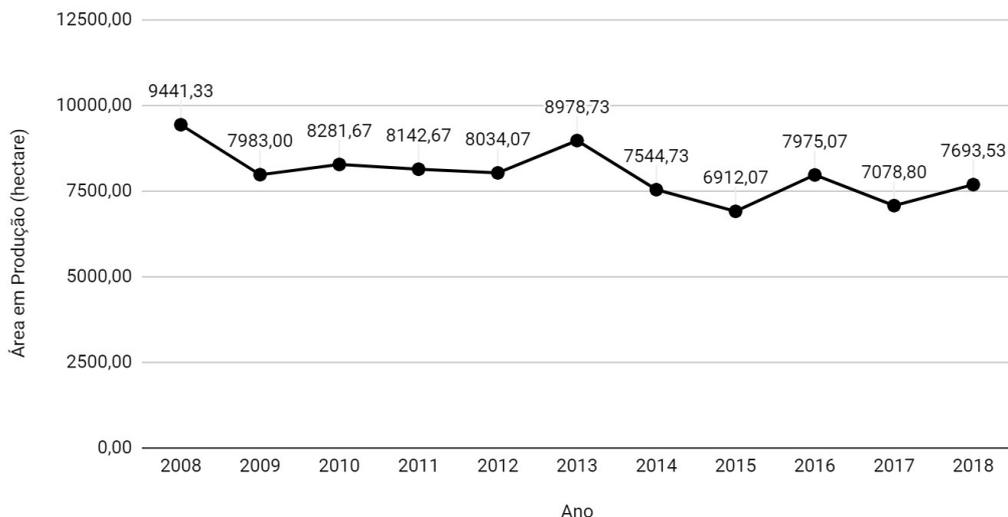
Esses produtores individualmente possuem reduzida capacidade de beneficiamento e de negociação direta da produção, de modo que a intermediação é feita através de cooperativas ou com corretores. Segundo Fundação Procafé/SEBRAE (2017), 71,2% dos cafeicultores estão ligados a cooperativas de sua região.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Buscando entender o desenvolvimento da cafeicultura na microrregião, observou-se o comportamento das questões de área em produção (Gráfico 2), produção e produtividade, apontadas pelos Gráficos a seguir.

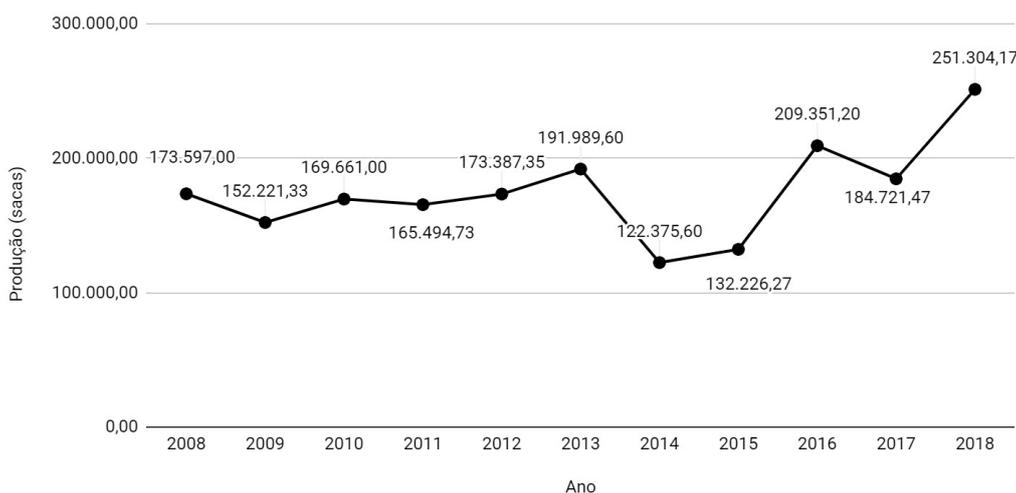
A área em produção do café nessa região mostrou queda de 18,51% comparando 2008 com 2018, sendo que que a cidade de Ilícinea apresentou maior queda no período (47,33%), seguida por Santana da Vargem (35,99%) e São Bento Abade (33,33%). Três Pontas que detém a melhor média de produção da região, conforme será discutido a seguir, apresentou uma queda de 18,60% em sua área, já Campos Gerais, a atual maior produtora de café teve um aumento de 62,74% neste período, mostrando como a cidade no decorrer dos anos dedicou-se a essa cultura.

Apesar de a região apresentar uma queda na área em produção, a produção do café teve um aumento expressivo, de 44,76% nestes dez anos, saltando de 173.597 sacas em 2008 para 251.304,17 sacas em 2018, conforme aponta o Gráfico 03.



Fonte: elaborado pelos autores, baseado nos dados da EMATER (2019).

Gráfico 02 – Área em Produção.



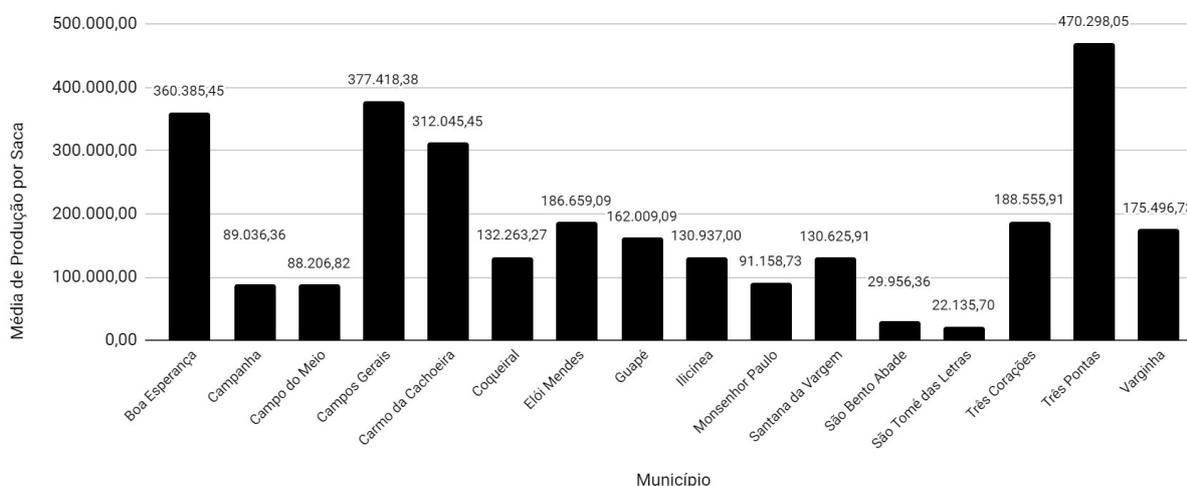
Fonte: elaborado pelos autores, baseado nos dados da EMATER (2019).

Gráfico 03 – Volume de Produção por saca na microrregião.

A análise histórica da produção na microrregião mostra que a cidade de Três Pontas, no período estudado manteve-se na maior parte do tempo como principal produtora da região. Ela perde apenas nos anos de 2014 e 2015 para Boa Esperança e em 2018 para Campos Gerais. Chama também a atenção para cidade de Carmo da Cachoeira que entre 2008 a 2011 disputava a segunda colocação em produção na região, mas foi perdendo volume com o decorrer do tempo. Segundo dados da EMATER (2019), Campos Gerais mostra o efeito contrário, ela sai de 4º lugar em 2008 para 1º lugar em 2018, um salto de mais de 250%. São Bento Abade regrediu em 7,41% nestes 10 anos.

A produção da cidade de Campos Gerais representou, em 2018, 19,4% da microrregião, Três Pontas aparece em segundo lugar com 15,9% e Boa Esperança em terceiro com 11,7%, sendo que as três cidades representam quase 50% da produção de toda microrregião. A cidade de Campanha é a que possui menor participação da região em 2018.

Apesar da perda recente do protagonismo, ao olhar para média de produção nos 10 anos, Três Pontas está bem acima das demais cidades, mostrando-se mais consistente na produção de café, como pode ser observado no Gráfico 04.



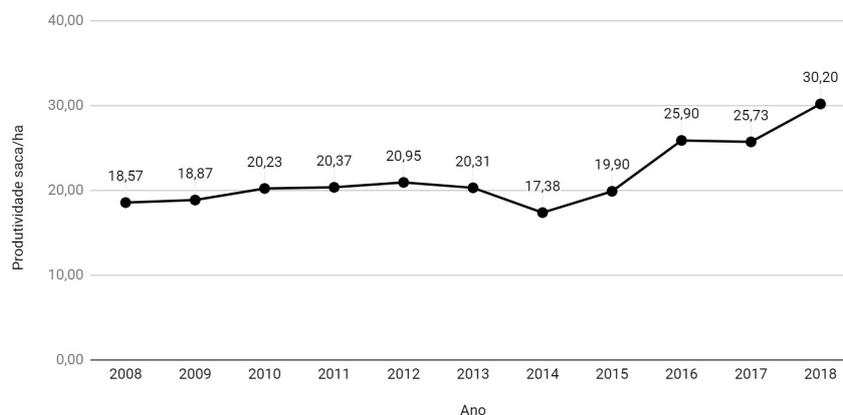
Fonte: elaborado pelos autores, baseado nos dados da EMATER (2019).

Gráfico 04 – Média de produção por saca por município.

O crescimento da produção da microrregião, mesmo com área plantada menor, pode ser justificado pelo aumento da produtividade, que conforme Gráfico 05, teve crescimento de 62,62% em 10 anos.

Esse aumento pode estar ligado às questões de mecanização das fazendas. Não existem dados dentro da série temporal estudada, porém se basearmos nos dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2006; 2017), houve um crescimento de 76,83% do número de tratores, 34,90% de semeadeiras, 121,86% de colheitadeiras e 104,78% do número de adubadeiras, de 2006 a 2017 em Minas Gerais, que pode justificar o aumento da produtividade.

Na análise temporal, Coqueiral teve o maior salto de produtividade (125%), seguida por Campos Gerais (120,67%) e Três Corações (118,75%). A cidade de Monsenhor Paulo foi a que apresentou menor melhoria na produtividade de suas lavouras (20%) (EMATER, 2019).

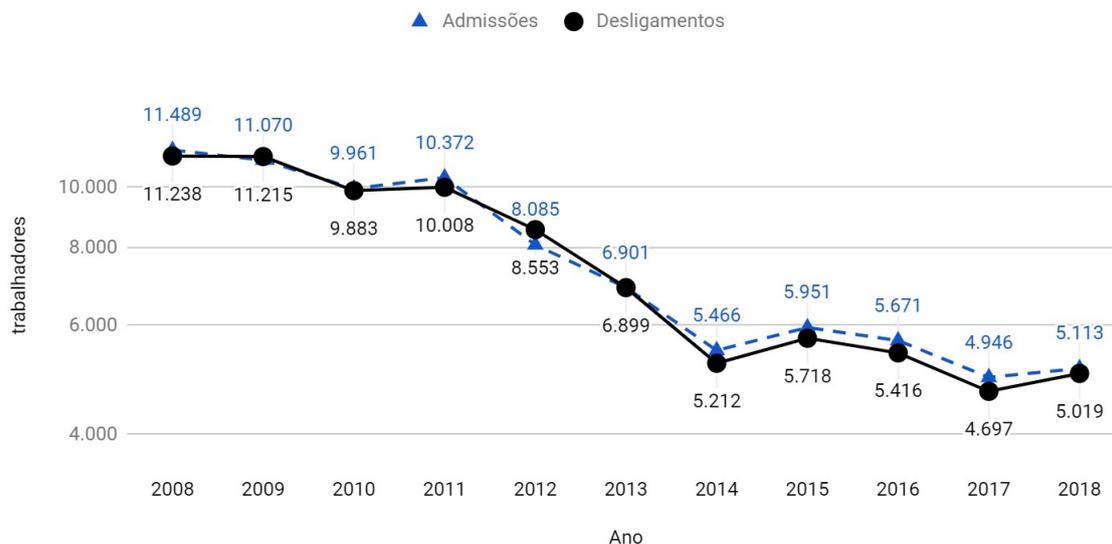


Fonte: elaborado pelos autores, baseado nos dados da EMATER (2019).

Gráfico 05 – Produtividade do Café por saca por hectare.

A produtividade das fazendas de café apoia-se no aumento do fator capital, vindo que o fator trabalho houve drástica redução na movimentação. Em 2008, havia na microrregião a

movimentação de mais de 11 mil empregos como trabalhador do café, já em 2018 essa movimentação fica na faixa de 5.000 empregos (Gráfico 06).



Fonte: elaborado pelos autores, baseado nos dados do CAGED (2019).

Gráfico 06 – Admissões e Desligamento do Trabalhador do Café.

Conforme dados do CAGED (2019), as admissões de trabalhadores rurais do café caíram 55,49% entre 2008 e 2018, enquanto os desligamentos chegaram a 55,33%, deixando assim um pequeno saldo de empregos, apenas 0,16%, confirmando que a produtividade não é oriunda do fator trabalho.

Ao compararmos o número de admissões do trabalhador do café entre os anos de 2008 e 2018, observa-se que, em quase todas as cidades, houve uma queda significativa. A cidade de Guapé que admitiu 856 trabalhadores em 2008, em 2018 admitiu apenas 175, uma diferença de 79,56%. Apenas a cidade de Campanha apresentou um aumento de contratações neste período, mas em quantidade isso significa apenas 6 trabalhadores (2008: 47, 2018: 53). A cidade de Três Pontas que admitiu em 2008, 3.326 trabalhadores para lavoura, em 2018 contratou menos da metade, 1.369 apenas, que nos leva a reflexão tanto sobre a mecanização, quanto à movimentação da mão de obra entre setores econômicos (CAGED, 2019).

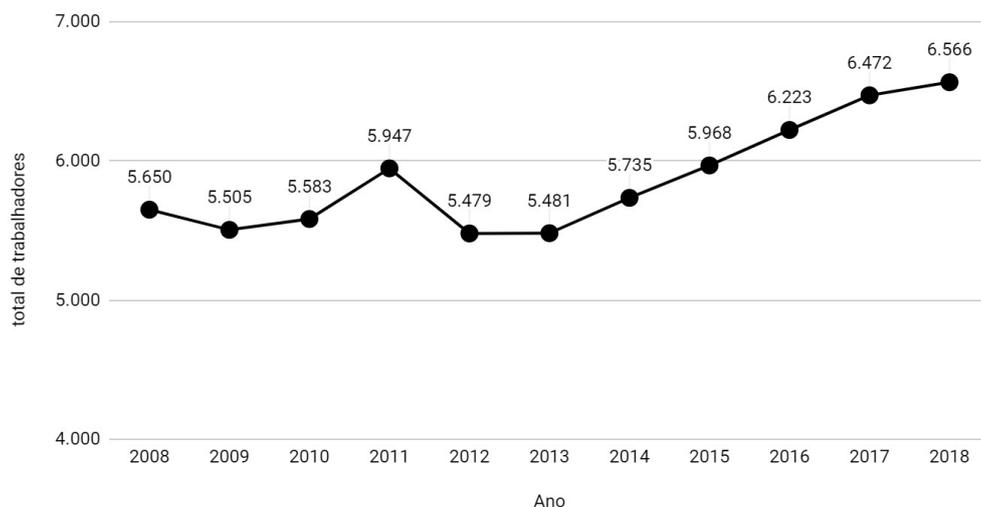
As cidades de São Bento Abade e São Tomé das Letras mostram pouca movimentação de trabalhadores dessa cultura, passando vários anos sem nenhuma contratação, justificando os dados apresentados no Gráfico 06 (CAGED, 2019).

Ao olhar para quantidade total de pessoas no cargo de trabalhador da cultura do café, o aumento foi pequeno nos 10 anos estudados, apenas 16,21%, que pode ser observado no Gráfico 07. Esse é mais um indicador de substituição homem-máquina vendo que a produção e produtividade cresceram acima do fator humano aplicado à produção dessa cultura.

Ligado à questão do emprego, foram analisados os dados referentes aos salários recebidos pelo trabalhador da cultura do café. Nesse quesito, o trabalhador dessa cultura em grande parte do tempo teve seu rendimento abaixo do salário-mínimo nacional.

Em 10 anos, o salário do trabalhador do café cresceu 86,78%, saindo de R\$417,77 em 2008 para R\$780,33, enquanto o salário-mínimo cresceu 129,88%. Por 6 anos (2009, 2013, 2014, 2015, 2017 e 2018) o aumento salarial anual não superou a inflação (IPEA, 2020), diferente do salário-mínimo nacional que apresentou apenas em 2018 um crescimento abaixo da inflação. Isso se

traduz em menor poder de compra desse trabalhador e redução de sua qualidade de vida, além de menor atratividade para mão de obra nesse setor.



Fonte: elaborado pelos autores, baseado nos dados do CAGED (2019).

Gráfico 07 – Total de Empregados como Trabalhador do Café.

Os avanços em produtividade e produção em grande parte das vezes têm como objetivo o mercado externo. Conforme aponta a história, o café é um dos principais produtos de exportação brasileira, chegando a ser a totalidade de exportações de algumas das cidades situadas na microrregião estudada, como pode ser observado na Tabela 01.

Tabela 01 – Participação do Café nas Exportações Municipais.

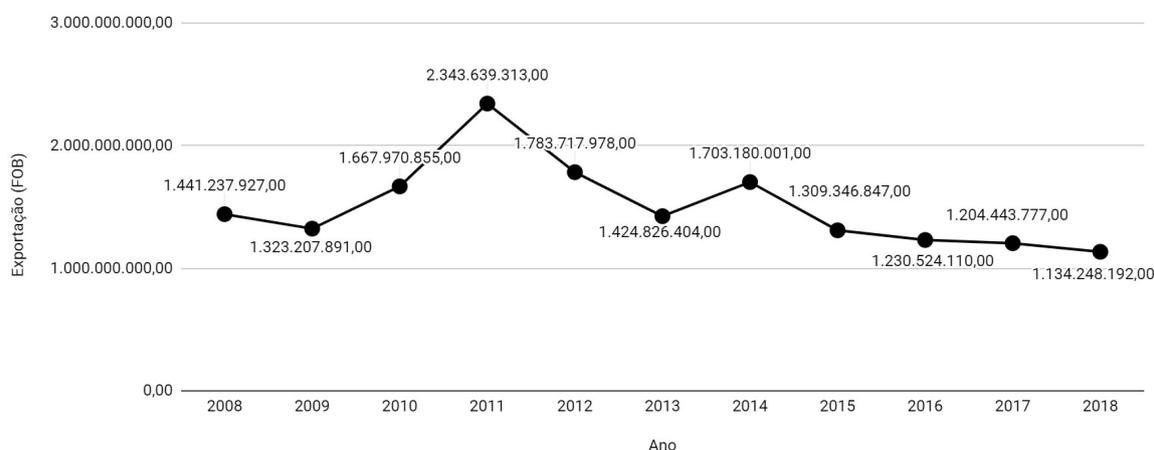
Município	Participação do Café nas Exportações Municipais – FOB (US\$) (2018)	Produção do Café - Saca (US\$) (2018)
Boa Esperança	100%	497.500,00
Campanha	0%	93.950,00
Campo do Meio	0%	82.250,00
Campos Gerais	100%	829.446,00
Carmo da Cachoeira	100%	378.000,00
Coqueiral	100%	221.400,00
Elói Mendes	100%	269.850,00
Guapé	0%	239.750,00
Ilicínea	0%	153.422,00
Monsenhor Paulo	100%	96.090,00
Santana da Vargem	0%	134.430,00
São Bento Abade	0%	25.000,00
São Tomé das Letras	0%	32.472,00
Três Corações	52%	280.000,00
Três Pontas	66%	680.438,60
Varginha	97%	253.064,00

Fonte: MDIC (2020) e EMATER (2019).

Algumas das cidades da microrregião, por mais que sejam produtoras de café, não realizam suas exportações pela própria cidade, recorrendo a serviços de cooperativas ou empresas em cidades maiores. Isso pode prejudicar o crescimento econômico local, conforme Parkin (2003) as exportações são parte importante para o cálculo do PIB. Essas cidades tratam a atividade cafeeira pura e exclusivamente como cultivo, não gerando encadeamentos para frente, colocando-se na

base da CGV. São os casos de Campanha, Campo do Meio, Guapé, Ilicínea, Santana da Vargem, São Bento Abade e São Tomé das Letras.

Analisando as exportações totais de café da microrregião, observamos um movimento ascendente de 2008 a 2011, mas seguido de quedas constantes nos anos seguintes, conforme aponta o Gráfico 08.



Fonte: elaborado pelos autores, baseado nos dados do MDIC (2020).

Gráfico 08 – Exportações de Café (FOB US\$).

As exportações pela modalidade FOB caíram 21,30% em 10 anos na microrregião, segundo os dados do MDIC (2020). Observa-se uma queda contínua a partir de 2014, assim como o seu percentual de participação nas exportações do produto no Brasil. A região em 2008 foi responsável por quase 35% das exportações brasileiras de café; considerando que a região possui apenas 16 cidades, mostra-se um valor representativo. Porém essa participação caiu nos 10 anos de estudo, passando a ser responsável por 26,01% em 2018, verificado na Tabela 02.

Tabela 02 – Participação das Exportações de Café da Microrregião de Varginha no Brasil.

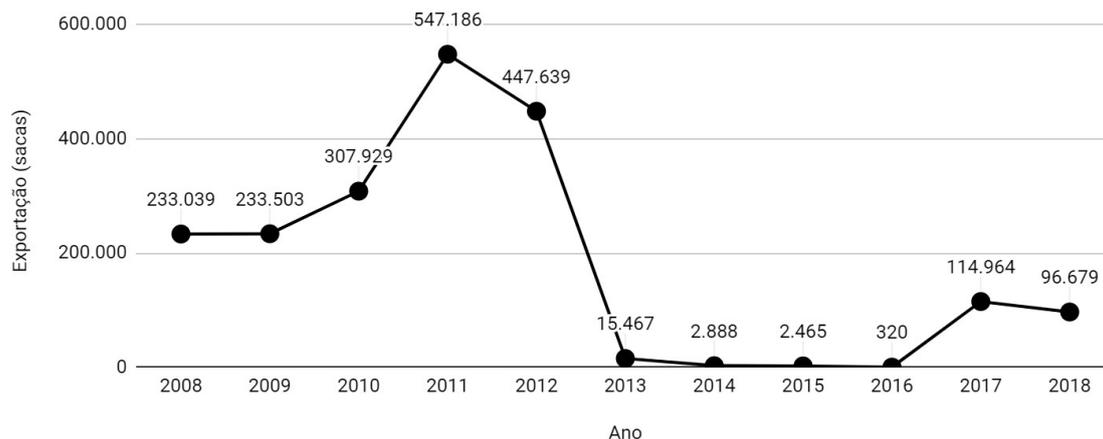
Ano	Microrregião (FOB US\$)	Brasil (FOB US\$)	% do Brasil
2008	1.441.237.927,00	4.130.874.227,00	34,89%
2009	1.323.207.891,00	3.760.871.677,00	35,18%
2010	1.667.970.855,00	5.179.198.106,00	32,21%
2011	2.343.639.313,00	7.998.970.397,00	29,30%
2012	1.783.717.978,00	5.720.116.938,00	31,18%
2013	1.424.826.404,00	4.580.018.746,00	31,11%
2014	1.703.180.001,00	6.040.314.372,00	28,20%
2015	1.309.346.847,00	5.554.822.737,00	23,57%
2016	1.230.524.110,00	4.842.744.572,00	25,41%
2017	1.204.443.777,00	4.600.238.311,00	26,18%
2018	1.134.248.192,00	4.360.011.533,00	26,01%

Fonte: elaborado pelos autores, baseado nos dados do MDIC (2020).

Observa-se ainda que o crescimento da exportação brasileira de um ano para o outro não reflete proporcionalmente no crescimento da participação da microrregião. Os períodos 2009-2010, 2010-2011 e 2013-2014 mostram crescimento da exportação brasileira de café, porém o crescimento da exportação da microrregião não se dá pelo mesmo patamar. Quanto aos períodos de retração também não se dão no mesmo patamar, chegando, em 2014-2015, a retração da

microrregião a ser maior que a do cenário nacional (MDIC, 2020). Esses dados reforçam que, apesar de possuir um grande potencial na produção do café, a região não é a única responsável pelas movimentações das exportações nacionais.

Varginha, como cidade polo dessa região, apresenta o Porto Seco Sul de Minas, que possui capacidade para o despacho do produto para o exterior, diminuindo assim as distâncias para os procedimentos aduaneiros necessários. Porém conforme dados do CECAFÉ apresentados no Gráfico 09, os despachos realizados através da cidade caíram drasticamente em 10 anos.



Fonte: elaborado pelos autores, baseado nos dados do CECAFÉ (2019).

Gráfico 09 – Exportações de Café através de Varginha.

O gráfico 09 aponta uma queda de 58,68% nos despachos realizados por Varginha em 10 anos, com destaque da queda entre 2012 e 2013, mostrando que parte dos produtores da região opta por outros portos para realização de seus despachos do café. Assim, os lucros advindos desses serviços reduziram-se com o tempo, o que impacta no desenvolvimento da economia local, em decorrência da transferência de renda para demais regiões, como Santos, principal porto brasileiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dos estudos, pode-se considerar que o objetivo de verificar o comportamento das variáveis relativas à cultura do café nas 16 cidades pertencentes à microrregião de Varginha – MG, entre 2008 e 2018 e sua ligação com o desenvolvimento econômico local, foi alcançado.

Através do levantamento realizado por meio da estatística descritiva e a realização do cruzamento das variáveis, os resultados apontaram queda no emprego do trabalhador rural do café que atua de forma sazonal, ao mesmo tempo em que houve aumento da mecanização e aumento de produtividade, reforçando o que é elencado por Pereira (2004) quanto à substituição de centenas de trabalhadores pela aplicação da mecanização nas lavouras. Somam-se a isso as questões salariais do trabalhador do café que se mostraram inferiores ao salário-mínimo, reduzindo assim sua capacidade de consumo e influenciando na qualidade de vida.

Observou-se também o comportamento das cidades em específico nas variáveis tratadas no estudo. Apesar de Campos Gerais mostrar evolução nos 10 anos estudados e conquistar a liderança em produção em 2018, a cidade de Três Pontas mostrou maior estabilidade na utilização

dessa cultura como um dos centros de sua atividade econômica, tendo melhor média produtiva nos 10 anos.

Outro ponto que chama atenção e converge com a teoria de desenvolvimento regional aqui defendida, é a queda nas exportações e redução da utilização do Porto Seco disponível na região. Essa situação mostra enfraquecimento do desenvolvimento regional de acordo com a teoria de base de exportação de Douglas North (1995), além da base de exportação praticamente única, os números mostram queda da venda para o exterior, o que pode desestimular encadeamentos produtivos que levariam à melhoria do desenvolvimento da região.

A região sul mineira é historicamente ligada ao café e naturalmente espera-se uma evolução nas técnicas produtivas em busca de produtividade no decorrer dos anos. Isso é comprovado pelo aumento da produção e produtividade, em contraponto com a redução da área em produção, porém há ainda a necessidade de investigações mais profundas sobre seu impacto no desenvolvimento econômico da região estudada.

Assim, este trabalho é limitado à explicitação histórica de variáveis que compõe a cultura do café na região, e recomenda-se o aprofundamento no entendimento dos impactos econômicos e sociais na microrregião e nas cidades que a ela pertencem, além do entendimento dos motivos do não encadeamento produtivo para frente, fator que poderia auxiliar o desenvolvimento regional.

REFERÊNCIAS

ABIC. Associação Brasileira da Indústria do Café. **Indústrias Associadas**. Rio de Janeiro. Disponível em < <https://www.abic.com.br/institucional/associados/industrias-associadas/>>. Acesso em 09 de Abr de 2020.

ANDRADE, R. G. R. **A expansão da cafeicultura em Minas Gerais: da intervenção do Estado a liberação do mercado**. 1994. 173 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.

AZEVEDO, A. S. **As cafeiculturas do cerrado mineiro e do sul de Minas no escopo das singularidades institucionais**. 2018. 140 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2018.

CAGED. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. **Perfil do Município**. Brasília. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php>. Acesso em 26 de Abr de 2019.

CANO, W. **Ensaio sobre a formação econômica regional do Brasil**. Campinas - SP: UNICAMP, 2002.

CECAFÉ. Conselho dos Exportadores de Café do Brasil. **Relatório Mensal**. São Paulo. Disponível em <<https://www.cecafe.com.br/publicacoes/relatorio-de-exportacoes/>>. Acesso em 06 de Maio de 2019.

CONAB, Companhia Nacional de Abastecimento. **Série Histórica das Safras**. Brasília: DF. Disponível em < <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras>>. Acesso em 09 de Maio de 2020.

EMATER. Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais. **Acesso à Informação**. Belo Horizonte. Disponível em <http://www.emater.mg.gov.br/portal.do?flagweb=novosite_sic_home&categoria1=404>. Acesso em 05 de Jun de 2019.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **A produção de café em Minas Gerais: desafios para a industrialização** / Fundação João Pinheiro, Diretoria de Estatística e Informações. – Belo Horizonte: FJP, 2018.

FUNDAÇÃO PROCAFÉ / SEBRAE-MG. **Diagnóstico Tecnológico da Cafeicultura do Sul de Minas**, Minas Gerais, dez. 2017.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. 32° ed. São Paulo: SP, Companhia Editora Nacional, 2003.

GALA, P. A Teoria Institucional de Douglass North. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 23, n. 2, abr/jun 2003.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agro 2017**. Brasília. Disponível em <https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/index.html>. Acesso em 17 de Maio de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agro 2006**. Brasília. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf>. Acesso em 17 de Maio de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **A Geografia do café**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

IMRS. Instituto Mineiro de Responsabilidade Social. Consultas. Belo Horizonte. Disponível em <<http://imrs.fjp.mg.gov.br/Consultas>>. Acesso em 17 de Maio de 2020.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Salário-mínimo nominal vigente**. Brasília. Disponível em <<http://www.ipeadata.gov.br/ExibeSerie.aspx?stub=1&serid1739471028=1739471028>>. Acesso em 09 de Maio de 2020.

LAROCCA, P. ROSSO, A. J. SOUZA, A. P. Formulação dos objetivos de pesquisa na pós-graduação em Educação: uma discussão necessária. **RBPG**, v. 2, n. 3. p. 118-133. Brasília, 2005.

MARTINS, M. L. A marcha do café no sul de Minas, décadas de 1880-1920: Alfenas, Guaxupé, Machado e Três Pontas. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 7, ed. 1, jan/jun 2014.

MDIC. Ministério de Indústria, Comércio Exterior e Serviços . **Comex Vis: Intensidade Tecnológica**. Brasília. Disponível em <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-siit>>. Acesso em 23 de jan de 2020.

MINAS GERAIS. Instituto Mineiro de Agropecuária - IMA. **Portaria no 397**, de 21 de julho de 2000. Belo Horizonte, MG, 2000. Disponível em: <http://www.ima.mg.gov.br/portarias/doc_details/172-portaria-no-397-de-21-de-julho-de-2000>. Acesso em: 06 maio 2020.

MUÑOZ, M. A. F. Instituciones y éxito regional cafetero en Colombia. **Revista de Economía Institucional**, vol. 16, n° 30. Bogotá: Colombia, 2014.

NORTH, D. Teoria de localização e crescimento econômico regional. 1955. In: SCHWARTZMAN, J. (Org.). **Economia regional: textos selecionados**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.

PEREIRA, M. F. V. Globalização, especialização territorial e divisão do trabalho: Patrocínio e o café do Cerrado mineiro. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, vol. 23, n.º 2, Bogotá, Colômbia, 1 jan. 2014.

PARKIN, M. **Macroeconomia**. 5. ed. São Paulo: Addison Wesley, 2003. 519 p.

SANTOS, V. E.; GOMES, M. F. M.; BRAGA, M. J.; SILVEIRA, S. F. R. Análise do setor de produção e processamento de café em Minas Gerais: uma abordagem matriz insumo-produto. **RESR**, vol 47, n°02, p. 363-388, abr/jun 2009. Piracicaba: SP, 2009.

SILVA, E. L. MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4° ed. Florianópolis: USFC, 2005.